

JOÃO PANDIÁ CALÓGERAS NO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

JOÃO PANDIÁ CALÓGERAS AT THE BRAZILIAN HISTORICAL AND GEOGRAPHICAL INSTITUTE

ANTÔNIO CELSO ALVES PEREIRA¹

Resumo:

João Pandiá Calógeras (1870-1934), historiador, estadista, diplomata, humanista, escritor e geólogo foi, durante vinte e nove anos, dedicado e operoso sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB. Nesse período, proferiu conferências, emitiu pareceres, ministrou cursos, publicou artigos na Revista do Instituto e participou, entre outras ações, dos congressos organizados pela Instituição. O presente texto tem como objetivo discutir duas importantes atuações de Calógeras no IHGB: o curso que ele ministrou, em 1929, em língua inglesa, para estudantes e professores norte-americanos que, em viagem de estudos ao Brasil, inscreveram-se na então Escola de Estudos Brasileiros do IHGB; e a conferência que proferiu, em 13 de setembro de 1927, *in memoriam* de seu mestre, confrade e amigo Capistrano de Abreu.

Palavras-chave: João Pandiá Calógeras; Capistrano de Abreu; Escola de Estudos Brasileiros do IHGB; Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Abstract:

João Pandiá Calógeras (1870-1934), historian, statesman, diplomat, humanist, writer, and geologist, was a dedicated and industrious member of the Brazilian Historical and Geographical Institute (IHGB) for twenty-nine years. During this period, he gave lectures, issued opinions, taught courses, published articles in the Institute's Journal, and participated in congresses organized by the Institution, among other activities. This text aims to discuss two important contributions of Calógeras to the IHGB: the course he taught in 1929, in English, to American students and professors who, on a study trip to Brazil, enrolled in the then School of Brazilian Studies of the IHGB; and the lecture he delivered on September 13, 1927, in memoriam of his teacher, colleague, and friend Capistrano de Abreu.

Keywords: *João Pandiá Calógeras; Capistrano de Abreu; School of Brazilian Studies of the IHGB; Brazilian Historical and Geographical Institute.*

¹ Advogado, professor e escritor. Doutor em Direito Público pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (antigo Regimento do Curso de Doutorado da Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil - 1969-1976). Professor Associado aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor adjunto aposentado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Reitor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) no período de 1996 a 1999. Diretor da Faculdade de Direito da UERJ no período de 1991 a 1995. Vice-Presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras CRUB- 1998-1999. Presidente da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro PAPERJ, 2000/2001. Diretor Geral do Centro de Ensino Superior de Valença - CESVA (2009-2019). Professor do Curso de Direito e 1º Reitor do Centro Universitário de Valença - UNIFAA - Valença, RJ (2019-2022). Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Veiga de Almeida/RJ. Consultor ad hoc do CNPQ, da CAPES e da FAPERJ, na área de Direito. Conferencista em instituições nacionais e estrangeiras. Presidente da Sociedade Brasileira de Direito Internacional (2002-2024). Membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, Membro Titular da Academia Brasileira de Letras Jurídicas. Sócio titular do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. E-mail: acelsopereiraalves@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8352-4720>.

- I -

No dia 21 de outubro de 1940, foi inaugurado nos jardins da Praça da República do Distrito Federal um busto do historiador, estadista, diplomata, humanista, escritor e geólogo João Pandiá Calógeras (1870-1934). Tal homenagem, promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, então presidido pelo embaixador José Carlos de Macedo Soares, deu-se por sugestão do historiador Max Fleiuss, sócio grande-benemérito e, à época, secretário perpétuo da Instituição.²

Como informa o próprio Fleiuss, sua iniciativa recebeu suporte financeiro de Roberto Simonsen, sócio do IHGB, para a construção do busto, total apoio do prefeito do Distrito Federal, Henrique Dodsworth, bem como do Ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra, cuja Pasta financiou o pedestal. A propósito, vale lembrar o fato de que Calógeras, entre 1919 e 1922, chefiou, com brilhantismo e coragem, o Ministério da Guerra no governo Epitácio Pessoa. Ele foi o único civil a ocupar este cargo na história republicana brasileira, ainda mais em um período tumultuado da vida político-militar do Brasil. No seu último ano no cargo, teve de enfrentar o primeiro levante do movimento tenentista dos anos 1920, que ocorreu, em 6 de julho de 1922, com a Revolta dos Oficiais do Forte de Copacabana, que, entre outros motivos, se opunham à posse de Artur Bernardes na presidência da República.³

Essa homenagem do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro a João Pandiá Calógeras expressava inequívoca demonstração do seu prestígio no âmbito do quadro social da Instituição, assim como o reconhecimento de sua ativa participação nas várias atividades do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e na vida política e cultural do Brasil.

Calógeras ingressou no IHGB em 2 de outubro de 1905, mediante proposta datada de 25 de junho de 1905, apresentada pelos sócios Capistrano de Abreu, Max Fleiuss, Rocha Pombo, Eduardo Marques Peixoto, Arthur Guimarães, Henrique Raffard e Leopoldo Bulhões. Afonso Celso de Assis Figueiredo, visconde de Ouro Preto, foi designado relator da proposta

² O busto foi construído pelo escultor e professor da Escola Nacional de Belas Artes, José Otávio Correia Lima, autor da estátua do Almirante Barroso, que está localizada na Praça Paris, Rio de Janeiro. FLEIUSS, Max. *Recordando (Casos e Perfis)*. In: Separata do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1941, (não paginado).

³ Sobre a atuação de Calógeras como Ministro da Guerra, ver PEREIRA, Antônio Celso Alves. *João Pandiá Calógeras e a Construção do Brasil*. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, v. 184, n. 493, dezembro de 2023, p. 31-34.

de admissão. Segundo Fleiuss, por ocasião de sua posse Calógeras “produziu formosíssima oração”.⁴

O parecer exarado por Ouro Preto concentrou-se na grande relevância histórica, econômica e jurídica da obra de Calógeras, concluída em 1902 e publicada em 1903, *As Minas do Brasil e sua Legislação*, em três volumes,⁵ apontada, à época, pela crítica especializada, como um dos mais importantes textos sobre o tema até então escritos no Brasil. “Durante decênios essa obra ficará como um marco solitário”, registrou Capistrano de Abreu.⁶

De acordo com o regimento do IHGB em vigor no início do século XX, Calógeras ingressou na Instituição, em 1905, como sócio efetivo, em 1913, passou à categoria de sócio honorário e, em 1929, foi elevado à condição de sócio benemérito.

A admissão de Calógeras no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de certa forma, revelava continuidade familiar. Seu avô, João Batista Calógeras, foi sócio do IHGB. Nascido grego, natural de Corfu, emigrou para a França e, posteriormente, em 1841, para o Brasil. Estabeleceu residência no Rio de Janeiro e, em 1854, naturalizou-se brasileiro. Possuidor de grande cultura, foi nomeado, em 1847, professor de História Antiga e Medieval do Colégio Pedro II, além de ter exercido importantes funções na burocracia do Império.⁷

Na introdução aos três volumes da monumental obra de Pandiá Calógeras, *A Política Exterior do Império*, João Hermes Pereira de Araújo aponta a influência que Capistrano de Abreu (1853-1927) e o Barão do Rio Branco⁸ (1845-1912) exerceram na vida intelectual de Calógeras. A admiração que ele “dedicava às duas grandes figuras era similar, mas, em

⁴ FLEIUSS, op. cit. p. 151.

⁵ “É importante destacar que, nessa obra, Calógeras levanta, pela primeira vez, a questão do disposto no artigo 72 da Constituição de 1891, que estendia ao proprietário do solo o subsolo, defendendo o direito da União de desapropriar o subsolo para explorá-lo, tese que se transformou, em 1915, na Lei Calógeras. A Constituição Federal de 1934 estabeleceu a separação jurídica entre solo e subsolo, destinando à União a propriedade do subsolo. A Constituição de 1988 consagrou essa tese em seu artigo 20”. PEREIRA, op. cit. p. 15.

⁶ CARVALHO, Antonio Gontijo de. *Calógeras*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935, p. 57.

⁷ João Batista Calógeras, natural de Corfu, Grécia, imigrou para a França. Estudante de Direito em Paris, latinizou o sobrenome grego de sua família, *Kaloge*, para Calógeras. Em 1841, em companhia de sua mulher, Lucila Elisabeth Maurel Lamy, imigrou para Brasil, Homem culto, logo granjeou grande prestígio social, político e intelectual. Foi autor de obras sobre História e Geografia, adotadas durante décadas em várias escolas do Império. Fundou um Colégio em Petrópolis e, em 1859, ingressou no serviço imperial, nomeado primeiro oficial da Secretaria dos Negócios do Império. Posteriormente, foi transferido para a Secretaria dos Negócios Estrangeiros na qual, ao que tudo indica, fez brilhante carreira na burocracia do Segundo Reinado. Foi condecorado por D. Pedro II com a Imperial Ordem da Rosa.

⁸ Pandiá Calógeras era voz do Barão do Rio Branco no Parlamento Nacional. Foi importante a defesa que ele fez, na Câmara Federal, das negociações realizadas por Rio Branco na questão das fronteiras com a Bolívia, que redundaram na anexação do Acre ao território brasileiro pelo Tratado de Petrópolis, de 17 de novembro de 1903.

relação a Rio Branco, não se pode falar de uma amizade quase filial, de todas as horas, como a que o unia a Capistrano. Este era o mestre a ser seguido; aquele, o protótipo a ser imitado”.⁹

Essa relação “quase filial” com Capistrano teve início durante da prova para o ingresso do jovem João Pandiá Calógeras, então com 14 anos, no Colégio Pedro II. Convém salientar que Calógeras foi educado pelos pais e por preceptores alemães na residência da família, em Petrópolis. Recebeu excelente formação científica e humanista ministrada por professores particulares especialistas em ciências, matemática, idiomas estrangeiros e humanidades. Foi alfabetizado, além do português, em alemão, francês e inglês, circunstância que lhe permitia escrever e se expressar nesses idiomas com correção e total fluência. Com o pai, Michel Calógeras, aprendeu grego e latim.

Na mencionada prova no Colégio Pedro II, Calógeras foi examinado em História Universal e do Brasil por Capistrano de Abreu, que, além de aprová-lo, impediu que um examinador, inimigo da família Calógeras, injustamente, o reprovasse. A partir desse acontecimento, Calógeras ligou-se a Capistrano, passando a considerá-lo seu grande mestre, amigo e guia nos estudos históricos. Como registrado acima, Capistrano, sócio do IHGB desde 1887, foi o primeiro a subscrever a apresentação da candidatura de Calógeras ao corpo social da Instituição.

Apesar de suas intensas atividades políticas,¹⁰ durante 29 anos, Calógeras foi dedicado e operoso sócio do IHGB. Nesse período, proferiu conferências, emitiu pareceres, ministrou cursos, publicou artigos na Revista do Instituto e participou, entre outras ações, dos congressos organizados pela Instituição.

Considerando esse cenário, o presente texto tem como objetivo discutir duas importantes atuações de Calógeras no IHGB: o curso que ministrou, 1929, na então Escola de Estudos Brasileiros do IHGB; e a conferência que proferiu, em 13 de setembro de 1927, *in memoriam* de seu mestre, confrade e amigo, Capistrano de Abreu.

⁹ ARAÚJO, João Hermes Pereira. *Introdução. J. Pandiá Calógeras, A Política Exterior do Império*. V. I. Brasília: Senado Federal, 1998, p. X.

¹⁰ João Pandiá Calógeras foi deputado federal por Minas Gerais de 1897 a 1914, com apenas um interregno na legislatura 1900-1902. Foi ministro da Agricultura, Comércio e Indústria (1914-1915) e da Fazenda (1916-1918) no governo Venceslau Brás e Ministro da Guerra, durante todo o governo de Epitácio Pessoa (1919-1922). Entre outras atividades como diplomata, chefiou a delegação brasileira à Conferência de Paz de Versalhes. No Ministério da Guerra fez uma brilhante gestão. Reestruturou e modernizou o Exército, construiu quartéis no interior do país, reformou outros tantos, criou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e trouxe a Missão Militar Francesa, entre outras realizações. Detalhes dessas atividades de Calógeras, ver PEREIRA, Antônio Celso Alves. *João Pandiá Calógeras e a Construção do Brasil*. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, v. 184, n. 493, p. 31-34.

- II -

No conjunto da extensa obra historiográfica de Pandiá Calógeras, seu livro *Formação Histórica do Brasil* originou-se da reunião das conferências que ele ministrou, em língua inglesa, em 1929, para professores e alunos de universidades norte-americanas, que, em viagem de estudos ao Brasil, inscreveram-se no curso de verão oferecido pela então Escola de Estudos Brasileiros do IHGB, instituição criada em 1928.

Publicado inicialmente nos Estados Unidos, foi traduzido para o português e editado, em 1930, por Pimenta de Mello & Cia., empresa sediada no Rio de Janeiro. Posteriormente, a Companhia Editora Nacional, em 1938, publicou a terceira edição e incluiu a obra na sua Coleção Brasileira – volume 42. Em 1966, saiu a 6ª edição pela mesma editora. Em 2009, a Editora do Senado Federal a reeditou¹¹

Redigido em 406 páginas, distribuídas em 16 capítulos, trata-se, sem dúvida, de obra que constitui significativa contribuição para a historiografia brasileira.

Nesse texto, Calógeras oferece ao leitor informações e análises sobre a chegada da Armada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil, assim como os eventos relacionados ao processo de colonização, à estrutura econômica da Colônia e às suas riquezas minerais. Prossegue discutindo a transladação da Corte portuguesa e a transformação do Brasil em sede do Império lusitano, além dos acontecimentos que levaram à Independência e aos seus desdobramentos.

Da mesma forma, apresenta excelente estudo sobre a guerra e a secessão da Província Cisplatina, os fatos que motivaram D. Pedro I a abdicar do trono brasileiro, os acontecimentos do período regencial, a Maioridade, além das questões derivadas do tráfico escravo, sobretudo a intervenção britânica nesse tema. Analisa também a Guerra do Paraguai, a Abolição e a Questão Religiosa. Nos três capítulos finais, Calógeras discute a Questão Militar, a queda do Império e expõe completo estudo sobre os motins político-militares e os governos civis dos primeiros anos da República.

¹¹ CALÓGERAS, João Pandiá. *Formação Histórica do Brasil*. Brasília: Edições do Senado Federal, 2009, volume 118.

João Capistrano Honório de Abreu nasceu em 23 de outubro de 1853, em Maranguape, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro, em 13 de agosto de 1927. Exatamente um mês após a sua morte, na sessão de saudade promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Calógeras proferiu conferência¹² *in memoriam* do confrade, evocando, inicialmente, a amizade que os unira durante mais de quarenta anos, bem como os traços marcantes da personalidade de Capistrano, construindo, dessa forma, um completo quadro biográfico de seu mestre e amigo.

Calógeras dividiu sua conferência nos seguintes tópicos: *Cultura Invulgar; O Amigo; Em Família; Enganosa Aparência; Os Trabalhos de Capistrano; e A Última Manifestação*; Assim, com as seguintes palavras, ele abre sua exposição:

Durante quarenta e três anos, ligou-me a Capistrano de Abreu a mais perfeita amizade, sem uma nuvem, sem um desfalecimento, no mais elevado convívio de espírito que se possa imaginar. Sentimento profundo, complexo, no qual disputavam primazia o afeto pelo homem de coração, o respeito pelo caráter imaculado, a ilimitada admiração pelo sábio. Dele não era possível ser meio amigo, apenas. Rude, em sua terrível franqueza; hostil a todo o pedantismo; irremediavelmente indignado contra toda futilidade vaidosa; detestava hipocrisia e hipócritas. Sincero admirador das mentalidades superiores, era destituído de toda inveja.

Ao assinalar que Capistrano “tinha horror à bajulação”, e que ele “não compreendia que seu incomparável saber, a serviço de talento tão singular, pudesse ser alvo da geral admiração do país inteiro”, Calógeras narra um fato interessante e demonstrativo da forte personalidade do confrade:

Para se chegar ao coração e à amizade de Capistrano, era necessário muito tato, muita persistência e qualidades reais de persuasão e sinceridade, para convencer o desconfiado tapuia, transportado para o meio civilizado, quão vivazes e fortes os sentimentos que inspirava. Mas então, que bela e maravilhosa transformação!... e quão regamente eram pagos os esforços.

Ao aproximar-se o septuagésimo aniversário de Capistrano, conforme Calógeras, amigos e admiradores planejaram editar uma obra coletiva em sua homenagem. Ao tomar conhecimento, ele se enfureceu, “ultrapassando todo o limite de sua modéstia agressiva e vigilante”. Indignado, escreveu aos idealizadores da homenagem:

Segundo fui informado trama-se para o meu próximo aniversário uma patuleia, polianteia ou coisa pior e mais ridícula, se for possível. Aos meus amigos previno que considero a tramoia como profundamente inamistosa. Não poderei manter relações com quem assim tenta desmoralizar-me.

¹² O inteiro teor da dessa conferência está em CALÓGERAS, João Pandiá. *Estudos históricos e políticos (Res Nostra)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936, p.13-27.

No primeiro tópico de sua conferência, comentando a “invulgar cultura” de Capistrano, Calógeras destaca que ele respondia precisa e minuciosamente sobre qualquer ponto, porém, “sempre negando conhecer o caso”. Erudito, tinha amplo conhecimento e trabalhava textos latinos, alemães, holandeses, italianos e ingleses. “Tudo, em sua memória, catalogado e no devido lugar, acudia ao mais leve aceno. [...] “Sua cultura resumia bibliotecas inteiras, a serviço da inteligência mais aguda, mais informada e de maior equilíbrio que se tenha existido. [...] Não tinha limites dogmáticos”. Sua curiosidade intelectual, diz Calógeras, o levava a ler, apreciar e discutir temas e ideias contidas em obras significativas ou em veículos de imprensa de variados aspectos ideológicos, como a publicação norte-americana *Nation*, de viés socialista, ou o conservador *Manchester Guardian*, assim como a *Suma Teológica* ou o *Catecismo Positivista*. “De todos, uma só coisa exigia: ideias, e sinceridade nas convicções”.

Esclarecendo sobre a forma curiosa de Capistrano escrever e falar, Calógeras observa que ele era econômico com as palavras. Sua prosa, conforme um crítico, era telegráfica, pois chegava a ser elíptico, eliminando fases intermediárias entre premissas e conclusões. E informa: “Cintilante embora o estilo, cheio dos mais imprevistos achados, brocado recoberto de fulgurantes joias, nunca seria escritor popular, pois a mediania lhe não alcançaria a compreensão completa”. E acrescenta: “Erudição, reminiscências, pilheria nortista, sentimento fundo de nacionalidade, até nas ‘boutades’ e nas indignadas apostrofes, tudo vinha em borbotões faiscar na argumentação convencida e ardorosa do debate empenhado”.

Nessas circunstâncias, somente os iniciados poderiam compreendê-lo, “suprindo com os conhecimentos próprios os elos omitidos. Pensador para elites; mestre para mestres”. Todavia, afirma Calógeras que era verdadeiro prazer estético e intelectual ouvi-lo dissertar sobre qualquer assunto, principalmente quando os ouvintes “eram de igual quilate e quando surgiam divergências de opinião”. Nessas ocasiões, presenciar as trocas de ideias de Capistrano com amigos ilustres era realmente muito gratificante. E aduz:

Assistente mudo e extasiado, era uma festa do espírito ter-se a ventura de presenciar justas dessa ordem, no correr de afetuosas e inspiradas conversas com outros beneméritos do pensamento nacional: Rio Branco, amigo e admirador de Capistrano, que, sem limites, lhe retribuía os sentimentos; Joaquim Nabuco, na fase preliminar da missão em Roma, no preparo dos documentos brasileiros sobre o conflito lindeiro com a Guiana Inglesa.

“Quando amigo, a que extremos levava a dedicação de Capistrano”. Com estas palavras, Calógeras, inicia o segundo tópico de sua exposição, explicando a dedicação de Capistrano às suas amizades. À vista disso, descreve o profundo sentimento, a amargura que dominava o espírito do confrade quando tomava conhecimento da morte de um dileto amigo. Assim ocorrera, por exemplo, quando ele foi avisado dos falecimentos de Domício da Gama e de Mario de Alencar, bem como de seu companheiro de infância, no Ceará, Domingos Jaguaribe. Sofrera muito com a morte de Martim Francisco Ribeiro de Andrada,¹³ “a quem ele tanto queria” e com quem vivia às turras, apesar de inseparáveis. Martim falava mal do Brasil e de sua gente, “não queria ser nem brasileiro nem paulista” e chegara a defender a separação de São Paulo da Federação brasileira.

Para Capistrano – declara Calógeras – “a amizade era uma religião, e como toda religião, operante e comunicativa”. Por outro lado, nada o entristecia mais do que “ver indiferentes ou desavindos amigos seus. De certos rompimentos próprios nunca se consolou: do de Raul Pompeia, por exemplo, cujo admirável *Atheneu* ele ajudara a rever”.

No correr do terceiro tópico de sua conferência, Calógeras expõe o devotamento de Capistrano às suas relações familiares. “Quando a alguém ele se afeiçoava adotava-lhe a família toda. Mulher, filhos, netos, passavam a dominar seu coração”. Dessa forma, “em cada lar, sua presença era pedida, e suas visitas assinaladas como dias festivos. E completa:

Todos o procuravam. Os mais idosos, em pé de igualdade. Os mais moços, com veneração e ânsia de ouvi-lo. Até as crianças, a quem sabia agradar com ternura e carinho, o chamavam: vovô Capistrano. A todos e a cada qual, falava a linguagem própria, aconselhava e dirigia. [...] Não se julgue o cegasse a afeição. Sabia dizer os erros e as falhas, apontar fraquezas, corrigir defeitos. Na crítica de atos ou de trabalhos, não permitia inferioridades intelectuais ou morais. Salientava pontos a emendar, quando não os emendava ele próprio. Se me pudesse ser perdoada uma locução familiar, diria que sua autoridade se fazia sentir até nos ‘pitos’ paternos que passava nos seus mais queridos companheiros, fosse homem ou fosse mulher.

Nesse sentido, ao apontar, mais uma vez, aspectos da forte e controversa personalidade de Capistrano, Calógeras, no quarto tópico de sua conferência, por ele nominado de “Enganosa Aparência”, declara que Capistrano somente agia como acima descrito, quando o fato “se dava na intimidade, cara a cara. Fosse alguém atrever-se a censurar ou fazer reservas sobre aqueles que lhe mereciam o afeto”, ele revidava de forma ofensiva e violenta, pois, considerava seus amigos intocáveis. Por se mostrar hostil, rebarbativo e “inimigo da lisonja”,

¹³ Martim Francisco Ribeiro de Andrada (1853-1927), advogado, escritor e político brasileiro era membro da terceira geração dos Andradas e terceiro com este nome.

diz Calógeras, “muitos o tinham por intratável e misantropo”, situação que resultava da própria atitude de Capistrano, “que se retraía, e somente entre os amigos, revelava o que era: “alma luminosa de carinho e inteligência, sentimentalismo profundo e infinita doçura. Poucos o conheciam bem”.

Calógeras continua expondo suas opiniões sobre o amigo, chamando a atenção para fato de que ele resistia a qualquer situação que pudesse, de qualquer forma, interferir ou significar, segundo a sua própria avaliação, “a banalização de sua intimidade”. Prossegue ressaltando que, conforme a circunstância, ele reagia com frases que encerravam prontamente o assunto. Como exemplo, narra o seguinte: “Convidado para fundador da Academia Brasileira, respondeu: ‘a única sociedade a que pertenço, isto mesmo sem ter sido convidado, é a sociedade humana, e dela não tenho que me louvar’. Para Calógeras, tal atitude “era a manifestação de incoercível modéstia, armadura de tímido e de sensível, que não barateia seus sentimentos. Nesta velha Casa, no nosso querido Instituto, de que ele era sócio já antigo, não há quem ignore o afeto e o zelo que lhe merecia”.

Dissertando sobre os trabalhos de Capistrano no quinto tópico, Calógeras ressalta que ele inspirou novos estudos e métodos de análise no campo etimológico que, naquela altura, estavam concentrados no Museu Nacional. No plano geográfico sustenta que Capistrano foi responsável pelo avanço nos processos de investigação e, dessa forma, “divulgou uma ciência nova”. Nesse sentido, completa:

A literatura geográfica deixava de ser um amontoado estéril de nomes e de números, para ostentar escrínio riquíssimo, manancial de formidável atividade biológica e humana ligada ao quadro material da criação. Foi antropogeógrafo, antes da própria invenção do nome. Todas as manifestações do espírito para isso confluíram, bem como todas as formas de ação intensa, das finanças aos climas, da medicina e da higiene às estatísticas de produção, dos movimentos demográficos à conquista da terra, do meneio agrícola às especulações filosóficas e científicas.

Nesse contexto – diz Calógeras –, antes de Capistrano, “havia monografias históricas, crônicas mais ou menos interessantes, memórias e anais sem grande nexos e com escassa crítica, nem sempre objetiva, sem o devido aproveitamento do material existente”. Nessa mesma linha, em tom crítico, opina o seguinte sobre Varnhagen:

Ao próprio Varnhagen, tão grande e precursor de tanta coisa, entretanto, não se pode hoje negar parcialidade nas conclusões, insuficiente aparelho crítico, dificuldade em averiguar suas fontes informantes, egoísmo incompreensível no partilhar seu saber. E, no entanto, é merecidamente conhecido como o grande Varnhagen.

Afirma ainda que, com Capistrano, surgiram “virtudes novas”: respeito pelos documentos, facilidade para a verificação de sua origem, assim como o “agrupamento filosófico dos sucessos, as correntes formadoras do determinismo econômico e dos conceitos espirituais”. Louvando a ciência de Capistrano, assevera que, com ele, a investigação histórica avançou no sentido da análise correta dos fatos, a ampliação do campo observado, da “pesquisa de depoimentos mais seguros, o apuro na preocupação de narrar e nunca de provar, e a mais absoluta probidade no citar e no concluir e a redação *sine ira et studio*”.¹⁴

Na sequência de seu depoimento, Calógeras declara que a importante obra de Capistrano, *Capítulos de História Colonial*, constitui o modelo de orientação honesta, de “beleza literária e de crítica construtora. E há tantos outros filhos do mesmo conceito superior”. Em seguida, observa:

As soluções de tanto enigma histórico de nosso país, o descobrimento e a divulgação de obras primas esquecidas ou insuficientemente aproveitadas, a coordenação de pesquisas e convergência delas, obedecem ao critério novo do espírito sabedor e claro do grande morto, a seu poder de evocação de ambientes, a noção impessoal e altruísta de auxiliar e sugerir colaborações irrestritas, não reservando nunca para si, antes com todos partilhando as riquezas que havia coligido.

E, para exemplificar e destacar, mais uma vez, a importante contribuição de Capistrano à historiografia brasileira, particularmente suas pesquisas que propiciaram “o descobrimento e a divulgação de obras primas esquecidas”, além das várias publicações sobre o descobrimento e o período colonial, Calógeras menciona:

*Materiais e achegas para a história e geografia do Brasil; Frei Vicente do Salvador; a tradução do livro de Herbert Smith;*¹⁵ as decifrações da autoria das narrativas de Fernão Cardim, de Ambrósio Fernandes Brandão, de Antonil-Andreoni, e tantas e tantas mais, obras cujo longo enumerar não cabe nesta resumida e imperfeitíssima revista.

Ainda sobre essa matéria, Calógeras registra que o cômputo exato da obra de Capistrano seria missão da “Sociedade Capistrano de Abreu”,¹⁶ medida que, ao ser realizada, mostraria “quão vasto foi seu influxo e injustiça de lenda que corre sobre a escassez e dispersividade de Capistrano”.

¹⁴ “Sem ódio e sem paixão”. Frase utilizada por Tácito na introdução de sua obra *Anais* (1.1).

¹⁵ Acreditamos que, possivelmente, trata-se da obra de Herbert Huntington Smith (1851-1919), *Brazil, the Amazonas and the Coast*, publicada em 1879.

¹⁶ A Sociedade Capistrano de Abreu foi criada, em 1927, por iniciativa de amigos, discípulos e admiradores do historiador, logo após sua morte, em 1927, com a finalidade de proteger e divulgar as suas obras. Após 42 de atividades no Rio de Janeiro, em 1969, a entidade foi extinta e seu acervo transferido para a Fundação Capistrano de Abreu, sediada em Fortaleza, Ceará.

Conclui suas observações sobre o tópico relativo aos trabalhos de seu mestre assinalando que ele jamais quis ser além do que foi: “um cérebro pensante, uma alma cheia de ternura. Nisso havia posto seu tesouro, aí demorava seu coração, no perfeito dizer do Sermão da Montanha. [...] A seu modo, cumpria sua missão de servir aos semelhantes, poderosamente e à sombra de invencível modéstia”.

- III -

João Pandiá Calógeras encerra seu comovido depoimento informando que Capistrano falecera após quinze dias enfermo. Ressalta, em seguida, que ele “exigira sempre enterro de última classe e em cova rasa”. Era notório seu horror às pompas e à ostentação. Ademais, determinara que seus restos mortais fossem reunidos aos de seu filho Fernando, prematuramente falecido, fato que lhe causara grande sofrimento. Assinala, ainda, que a família cumpriu a vontade de Capistrano ao promover o transporte de seu corpo para o cemitério em “carro fúnebre de indigente”. O esquife seguiu pelas ruas acompanhado por centenas de pessoas e carregado por admiradores.

Por fim, concluiu afirmando que seu mestre e amigo “vencera o egoísmo com seu exemplo de vida modesta e votada ao serviço do Brasil. Vencera a riqueza, fazendo mais do que ela. Vencera a ignorância, alargando o âmbito do pensamento humano. Vencera a indiferença das massas, impondo-se ‘*maestro di color che sanno*’.¹⁷ [...] E, nessa atmosfera religiosa de saudade, de admiração, de mágoa e de afeto, partiu para o desconhecido a grande alma, bondosa e pura, abnegada e heroica de Capistrano de Abreu”.

¹⁷ *Il maestro di color che sanno* (o mestre de todos aqueles que sabem). Expressão italiana que é utilizada por Dante, no Canto IV de em sua obra *A Divina Comédia*, ao referir-se a Aristóteles.



Referências bibliográficas

ARAÚJO, João Hermes Pereira. *Introdução. J. Pandiá Calógeras, A Política Exterior do Império*. V. I. Brasília: Senado Federal, 1998.

CALÓGERAS, João Pandiá. *Estudos históricos e políticos (Res Nostra)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

CALÓGERAS, João Pandiá. *Formação Histórica do Brasil*. Brasília: Edições do Senado Federal, 2009.

CARVALHO, Antonio Gontijo de. *Calógeras*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

FLEIUSS, Max. *Recordando (Casos e Perfis) In: Separata do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1941.

PEREIRA, Antônio Celso Alves. *João Pandiá Calógeras e a Construção do Brasil. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 184, n. 493, 2023.